

**Maior oferta de emprego**

O economista Sérgio Mendonça, do Dieese, diz ser inviável criar de oito a dez milhões de empregos, como prometem candidatos a presidente, sem crescimento. Para ele, a instabilidade do crescimento atrapalha. — Com crescimento há queda do desemprego e os salários melhoram. Tivemos cinco crises em oito anos e ficamos mais dependentes de recursos externos. A receita é aumentar exportações, importar menos relativamente ao PIB e reduzir juros. Segundo ele, tudo está ligado ao crescimento do PIB de 4,3% a 5%. — Assim é possível gerar emprego e conter o estoque de desempregados, hoje em 11,5 milhões, pelo IBGE. Para mudar o quadro, é necessário mais de um mandato.

POR QUE AINDA NÃO ACOMETEU?

# Renda cai desde 98 mas ganho no Real é de 10%

Segundo o IBGE, taxa de desemprego aumentou para 7,5% e o rendimento do trabalhador brasileiro encolheu 14% nos últimos cinco anos

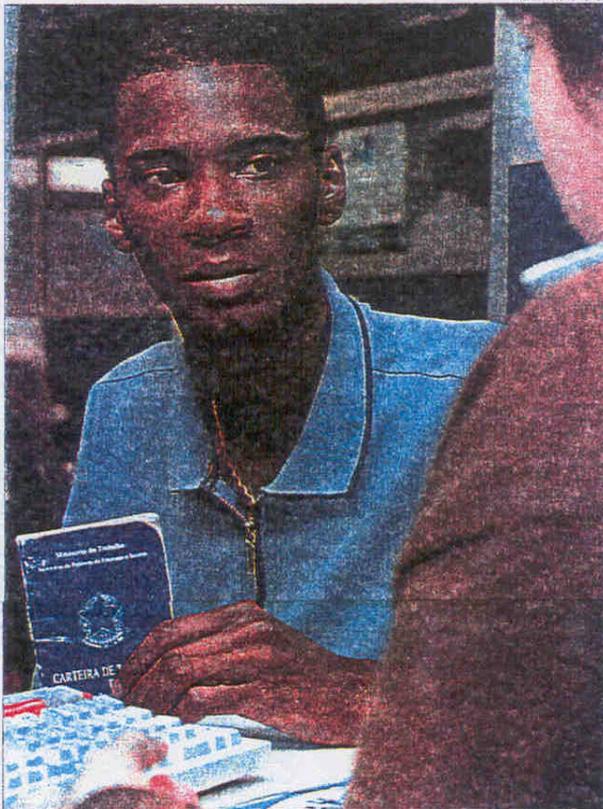
Gustavo Villela, Letícia Heiena e Geralda Doça

RIO + BRASÍLIA

As sucessivas crises que afetaram a economia do país e o baixo crescimento dos últimos anos atingiram em cheio o mercado de trabalho. Segundo o IBGE, enquanto a taxa de desemprego chegou a 7,5% da População Economicamente Ativa em julho, contra 6,2% no mesmo mês de 2001, a queda da renda do trabalhador acumulada desde 1998 já é de 14% (até o primeiro semestre deste ano). Porém, desde o início do Real, em 1994, o brasileiro acumula ganho de 10%, resultado dos primeiros anos do plano, quando os salários ficaram livres de perdas provocadas pela inflação.

O chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Neri, destaca que, com o Real, houve crescimento da renda do trabalhador, principalmente até 1996, tanto nas áreas metropolitanas quanto nas rurais. Mas, com a política de juros altos que acompanhou as crises internas e externas — Ásia em 1997, Rússia em 1998, além da desvalorização do real no ano seguinte, o colapso da Argentina e o desaquecimento americano pós-ataques — a renda do trabalho começou a ter forte queda, principalmente nas regiões metropolitanas. Só este ano, a redução do rendimento do trabalhador é de 4,3%.

— O mercado de trabalho foi seriamente afetado pelos choques externos e pela crise de energia. Em contrapartida, as políticas de transferência de renda do governo federal (Bolsa-Escola, alimentação) minimizaram os impactos fora dos grandes centros — disse Neri.



ALEX FRANCO de Lima: "Não é fácil, mas trabalho desde os 14 anos e nunca fiquei tanto tempo sem emprego"

Nos quase oito anos do governo Fernando Henrique foram criados 3,1 milhões de empregos, segundo a Relação Anual de Informações Sociais. O número de empregados com carteira assinada subiu de 23,7 milhões em 1994 para 26,8 milhões em julho de 2002. O resultado, no entanto, ficou abaixo da meta de campanha de Fernando Henrique, que prometia 7,8 milhões de empregos até 2003.

Com o crescimento baixo, as empresas contratam pessoas com salários inferiores aos dos trabalhadores mais antigos, jogando a renda média para baixo. A professora Lúcia Telles, de 31 anos, é um exemplo. Formada em letras, com mestrado em administração escolar, Lúcia, em 1998, ganhava o equivalente a mil dólares numa escola particular. Perdeu o emprego e,

após quase três anos de busca, encontrou uma vaga de recepcionista numa agência de recrutamento. Hoje, seus rendimentos não chegam a US\$ 200.

— A moça que trabalhava aqui antes de mim ganhava US\$ 300. Quando muda um empregado, a remuneração cai. Mas a gente não pode ficar sem trabalho — afirmou ela.

O técnico em processamento de dados Alex Franco de Lima, de 20 anos, perdeu o emprego há duas semanas, mas não deixou de lado a esperança: desde então, procura uma vaga, sem escolher serviço.

— Não é fácil, mas trabalho desde os 14 anos e nunca fiquei tanto tempo sem emprego. Estou correndo atrás porque sei que, quanto mais tempo a gente fica fora do mercado, mais complicado é arrumar serviço. ■

## Concentração de riqueza ainda é alta

Mais ricos ganham em média R\$ 2.477, e pobres, R\$ 125

Alexandre Rodrigues

• Há seis anos, Iria Eugênio, de 36 anos, vivia com a família num barraco no Canal do Anil, na Zona Oeste do Rio. Sem emprego, o marido nem sempre tinha dinheiro para comida. Hoje, trabalha numa fábrica de gelo, ganha salário-mínimo e o casal vive com os três filhos numa casa de alvenaria num assentamento.

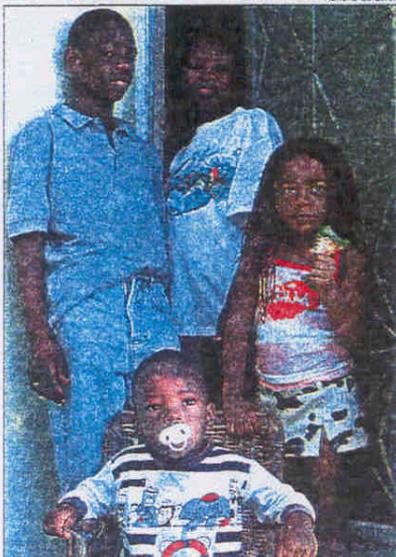
— Antes, tinha que resolver na canequinha, pedindo comida a vizinhos. Agora melhorou um pouco, mas não posso estagnar. Compramos gás, pago a luz e o que sobra vai para comida. Tento dividir o arroz para durar o mês, mas nem sempre dá. É muita boca para alimentar — conta.

O fim da inflação ajudou a reduzir a desigualdade social ao fazer com que um quarto da população pobre alcançasse a renda mínima para a compra de uma cesta básica. Mas relatos como o de Iria mostram que o desafio ainda é grande. Segundo o IBGE, a renda média dos 40% mais pobres é de R\$ 125,04 em 2000, enquanto os 10% mais ricos ganham R\$ 2.477,61.

— No Brasil como um todo houve avanços, mas temos observado o aumento da miséria nos centros urbanos — diz o economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

— Pelo Relatório de Desenvolvimento Humano deste ano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), o aumento da concentração de renda é um fenômeno mundial das últimas cinco décadas, até entre países desenvolvidos. De 73 nações, 48 viram a desigualdade crescer e outras 16 estabilizaram. O índice de Gini do Brasil, que mede o grau de concentração de renda e varia de zero a um, é de 0,607, abaixo só de três países africanos: Suazilândia, República Centro-Africana e Serra Leoa.

Adriana Caldeira



IRIA, ao centro, e os filhos: "Melhorou um pouco, mas não posso estagnar"

## Ministro reconhece alto desemprego

• O ministro do Trabalho, Paulo Jobim, reconheceu que a taxa de desemprego é muito alta, mas frisou que o IBGE pesquisa só regiões metropolitanas, por amostragem e com os setores formal e informal.

— Mas isso não significa que o nível de emprego não tenha tido evolução positiva. Pelo contrário, a taxa de desemprego reflete a entrada de um número considerável de pessoas no mercado — disse.

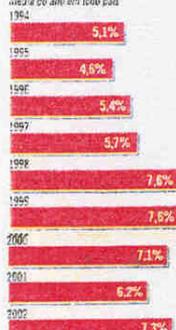
Para o ministro, os desafios do próximo governo serão realizar uma profunda reforma na legislação trabalhista e modernizar e fortalecer os sindicatos.

*"Quando muda um empregado, a remuneração cai. Mas a gente não pode ficar sem trabalho"*

LÚCIA TELLES, professora

### A TAXA DE DESEMPREGO

Média do ano em todo país



### A RENDA DO TRABALHADOR

Acumulada no ano



### ÍNDICE DE GINI

Mede a desigualdade de renda de um país, setado ou criado. Varia em consequência da redistribuição de rendimento entre os mais ricos e dos mais pobres. Varia de zero a um. Quanto mais perto de zero, melhor a distribuição de riqueza na população. Quanto mais perto de um, pior a distribuição.

Ranking dos mais desiguais

1	Serra Leoa	0,629
2	República Centro-Africana	0,613
3	Suazilândia	0,609
4	BRASIL	0,607

Fontes: IBGE, Censo 2000-IBGE e Relatório de Desenvolvimento 2001

**OS CANDIDATOS RESPONDEM**

É possível criar de oito a dez milhões de empregos, como foi dito na campanha?



LULA

• A referenda é absolutamente factível. Realismo é o que tenho dito desde o início da campanha: vamos criar dez milhões de empregos, o que o Brasil necessita para incluir no mercado de trabalho uma legião de desempregados, milhares de jovens que procuram seu primeiro emprego. O lema de nosso governo será: cada centavo aplicado pelo governo tem que ter como destino a geração de um novo posto de trabalho.



CIRO

• A geração em massa de empregos depende da retomada do crescimento acelerado da economia. É preciso mudar o atual modelo econômico. O candidato do governo é a própria representação da continuidade do atual modelo, que gerou 12 milhões de desempregados. Já o PT, em sua "carta aos banqueiros", rendeu-se ao atual modelo. Assim, as promessas são totalmente fantasiosas, para não dizer mentirosas.



SERRA

• O superávit comercial crescente acelera a demanda interna e permite baixar os juros. Além disso, vamos priorizar setores que exigem menos investimentos para gerar empregos, como a agricultura, onde cada milhão de reais gera 202 empregos, o turismo, que cria um emprego a cada 16 mil dólares de gastos de turistas por ano, e a construção civil, onde um milhão de reais gera 65 empregos diretos e indiretos.



GAROTINHO

• Ninguém é capaz de prever o número de empregos criados, a cada ano, se a economia voltar a crescer 5% ao ano. Dependendo do tipo de crescimento que se tem, há a geração de empregos pode ser maior ou menor. Se o crescimento for baseado em agropecuária, agroindústria, turismo, construção civil, saneamento básico, serviços de educação e saúde, por exemplo, gerará grande quantidade de empregos.